

Meditações: XI

domingo do Tempo Comum (Ciclo B)

Reflexão para meditar no XI domingo do Tempo Comum (Ciclo B). Os temas propostos são: os ritmos de Deus; a força da semente; o contraste entre a pequenez e a grandeza.

- Os ritmos de Deus.
- A força da semente.
- O contraste entre a pequenez e a grandeza.

«Ouvi, Senhor, a voz da minha súplica. Vós sois o meu refúgio: não me abandoneis, meu Deus, meu Salvador»^[1]. Estes pedidos de socorro, que se atribuem ao rei David (Sl 26, 7.9), constituem o pórtico da liturgia de hoje. Cheios de confiança, elevemos um cântico ao Senhor, neste domingo, para que atenda às nossas necessidades e nos acompanhe nas dificuldades que possam surgir no nosso caminhar diário. Como afirmou Santa Teresa de Lisieux, a nossa oração é «um impulso do coração (...), um grito de agradecimento e de amor, tanto no meio do sofrimento, como no meio da alegria. Numa palavra, é algo grande, algo sobrenatural»^[2] que nos dilata a alma e nos une a Jesus.

O Evangelho deste domingo propõe-nos duas breves parábolas: a da semente que germina e cresce sozinha e a do grão de mostarda (cf. Mc 4, 26-34). São imagens familiares

tiradas do mundo rural, compreensíveis para todos os Seus seguidores. «O reino de Deus é como um homem que lançou a semente à terra. É como um grão de mostarda» (Mc 4, 26.31). Tomando como exemplo a maneira como cresce a semente, Jesus quer explicar que não é possível julgar a ação misteriosa de Deus pela pequenez dos seus primeiros passos. Embora, no início, o seu Reino pareça um tanto discreto, na realidade tem uma força enorme que se irá desenvolvendo com o decorrer do tempo.

À primeira vista, a semente é muito pequena. Às vezes, é quase impossível dar por ela. O seu valor é quase insignificante. Contudo, uma vez enterrada, a semente cresce, sem que nada a possa parar, dando um fruto que chega sem se saber muito bem como, superando todas as expectativas que o agricultor possa ter tido. A ação de Deus no mundo e na

história não é normalmente espetacular, nem costuma trazer resultados imediatos. De facto, por vezes até vem envolta em aparentes fracassos. Mas nessa semente, pequena e discreta, já se esconde a promessa do que está para vir. Quando vemos que os frutos tardam em chegar, que os nossos desejos de conversão nem sempre são eficazes, podemos recorrer a Nosso Senhor para n'Ele depositarmos toda a nossa segurança. É verdade que, à primeira vista, as coisas melhoram mais devagar do que desejamos, e que nos podemos sentir sozinhos e sem meios humanos. Jesus recorda-nos que os começos são pequenos, porque a semente tem primeiro de crescer para dentro, no seio da terra. E depois, quando Deus quiser, chegará o tempo de colher os seus frutos, pois os seus ritmos não são necessariamente os nossos.

.....

A PRIMEIRA parábola centra a nossa atenção no dinamismo da sementeira. A semente que se lança à terra germina, quer o agricultor durma, quer esteja acordado, e cresce sozinha. Ao semear, o camponês confia que o seu trabalho não será infecundo; conhece o *poder* da semente quando recebe a água necessária para o seu crescimento. Basta esconder bem a pequena semente no solo e regá-la com regularidade. Também o sustenta na sua labuta a confiança na bondade dessa terra que abraça a semente que ele depositou. «A terra produz por si, primeiro a planta, depois a espiga, por fim o trigo maduro na espiga» (Mc 4, 28).

«O tempo presente é época de sementeira, e o crescimento da semente é garantido pelo Senhor. Então, cada cristão sabe bem que deve fazer tudo aquilo que pode, mas que o resultado final depende de

Deus: essa consciência ampara-o no cansaço de cada dia, especialmente nas situações mais difíceis»^[3]__.

Colaborar na sementeira da Palavra divina no coração dos outros é muito semelhante ao trabalho do campo. O fruto não se vê de imediato, e talvez nem mesmo o cheguemos a ver com os nossos próprios olhos. Mas temos a segurança de que a semente está a crescer de maneira a superar as nossas expetativas. «Nunca esqueçamos, quando anunciamos a Palavra, que até onde parece que nada acontece, na realidade o Espírito Santo age e o Reino de Deus já cresce, através e além dos nossos esforços»^[4]__.

O nosso otimismo e o nosso compromisso baseiam-se nessa sólida confiança. Se ouvimos o apóstolo Paulo dizer, quando escreve aos cristãos de Corinto: não duvideis, «é Deus quem faz crescer» (1Cor 3, 7), nós somos simples «cooperadores»

seus (cf. 1Cor 3, 6-9), tranquiliza-nos saber que o fruto não depende daquilo que possamos saber fazer com as nossas escassas forças. De facto, Deus contenta-se com que façamos o que pudermos. Nessa linha de pensamento, São Josemaria incentivou a utilização de todos os meios humanos, como se os sobrenaturais não existissem, e, inversamente, a usar todos os meios sobrenaturais, como se não houvessem meios humanos ao alcance das nossas mãos^[5]. «Age como se tudo dependesse de ti, mas consciente de que na realidade tudo depende de Deus»^[6]. A obra de Deus na história é fecunda, porque Ele é o Senhor do Reino. Muitas vezes o que temos é de trabalhar e ficar pacientemente à espera dos frutos. A vitória do Senhor é certa.

O PEQUENO grão de mostarda, conta a segunda parábola, «começa a crescer e torna-se a maior de todas as plantas da horta, estendendo de tal forma os seus ramos que as aves do céu podem abrigar-se à sua sombra» (Mc 4, 32). Uma realidade tão pequena converte-se, com o passar dos dias e dos meses, em algo difícil de imaginar. Esse grão, cheio de vida, ao partir-se, é capaz de romper o terreno, sair para a luz do sol e crescer até se converter em árvore, chegando até aos três metros de altura. «Só quando é esmagado é que espalha a sua força»^[7].

Como sucedia na primeira parábola, aqui também brilha o contraste entre a pequenez da semente e a grandeza do que se produz. Talvez seja algo que também experimentamos na nossa própria vida. Sabemos que o Senhor nos chamou para coisas grandes, mas talvez sintamos que não estamos à altura. Na realidade,

Cristo chamou-nos não pelos nossos próprios méritos, mas porque *lhe deu na gana*. Ele não espera que façamos coisas extraordinárias, mas que tenhamos a humildade de O deixar crescer na nossa vida e de, em cada dia, confiar na Sua oferta incondicional de amor. «A debilidade é a força da semente, o romper-se é o seu poder. E assim é o Reino de Deus: uma realidade humanamente pequena, formada por quantos são pobres no coração, por quem não confia na própria força, mas na força do amor de Deus, pelos que não são importantes aos olhos do mundo; e, no entanto, é precisamente através deles que irrompe a força de Cristo e transforma aquilo que é aparentemente insignificante»^[8].

A nossa pequenez não interessa muito. A nossa fragilidade não constitui um obstáculo intransponível à ação da graça. Deus faz crescer tudo o que é grande com

a superabundância dos seus dons.

«Lança para longe de ti essa desesperança que te produz o conhecimento da tua miséria. – É verdade: pelo teu prestígio económico és um zero..., pelo teu prestígio social, outro zero..., e outro pelas tuas virtudes, e outro pelo teu talento... Mas, à esquerda desses zeros, está Cristo... E que cifra incomensurável isso dá!»^[9].

A Virgem Maria acolheu, como «terra boa», a semente da Palavra divina. Podemos pedir-lhe que fortaleça em nós essa confiança perante a evidente «desproporção entre os nossos meios e os frutos que Deus suscita. O seu poder salvífico não diminuiu, mas espera de cada uma e de cada um de nós, bem como das pessoas que se abrigam à sombra dessa árvore frondosa, uma correspondência generosa, a maior de que, com a sua ajuda, sejamos capazes»^[10].

.....

[1] Antífona de entrada.

[2] Santa Teresa de Lisieux, *História de uma alma*, cap. 11.

[3] Bento XVI, Angelus, 17/06/2012.

[4] Francisco, Angelus, 16/07/23.

[5] cf. Ernst Burkhardt - Javier López, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaría. Estudio de teología espiritual*, Rialp, Madrid 2013, vol. III, p. 187.

[6] Santo Inácio de Loyola, citado em Pedro de Ribadeneira, *Vida de san Ignacio de Loyola*.

[7] Santo Ambrósio de Milão, *Expositio in Lucam*, VII, 179-182: SC 52.

[8] Bento XVI, Angelus, 17/06/2012.

[9] São Josemaria, *Caminho*, n. 473.

[10] Javier Echevarría, Carta pastoral, 01/10/2016.

pdf | Documento gerado automaticamente a partir de <https://dev.opusdei.org/pt-pt/meditation/meditacoes-xi-domingo-do-tempo-comum-ciclo-b/> (14/08/2025)